

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

Que a esperança não era infundada provam-no os recentes trabalhos e, por isso mesmo, agora que se deu um passo decisivo, não queremos deixar de assinalar o acontecimento e de felicitar quem o orientou e executou.

J. M. B. O.

ARQUEOLOGIA, PARA QUÊ?

Do *Diário do Alentejo*, publicado em Beja no dia 22 de Julho de 1959, com as devidas autorizações do autor e do director do jornal, transcrevemos um interessante artigo do sr. Dr. Fernando Nunes Ribeiro.

As suas considerações revestem-se do maior interesse num momento em que a arqueologia portuguesa luta pelo lugar que lhe é devido, mas que ainda não é unânimemente reconhecido.

Recordemos que em 1914 — há quarenta e cinco anos! — já Félix Alves Pereira escrevia: «Quando é que em Portugal se terá compreendido que, através de todos os estorvos do nosso bisantinismo, é preciso proteger abertamente a arqueologia e os arqueólogos, que são obreiros da história nacional?» (*O Archeologo Português*, XIX, p. 340, n. 4).

De então para cá, felizmente, bastante se progrediu nesse aspecto. Mas, como essa verdade ainda se não impôs a todos, aqui deixamos arquivadas as judiciosas considerações do Dr. Nunes Ribeiro, na esperança de que elas possam esclarecer alguns e servir de tema de meditação a outros.

Eis o que nos diz o Dr. Fernando Nunes Ribeiro no seu artigo *Arqueologia para quê?*:

«Mesmo numa época, como a actual, em que Humanidade desfruta os progressos duma técnica cada vez mais adiantada, em que a máquina parece querer superar o homem e em que este tem os olhos postos num futuro rico de fantásticas promessas, não deixa de ter muito interesse o estudo da Arqueologia.

Arqueologia (do grego *archaios*, antigo e *logos*, tratado) é, pela própria etimologia, o *tratado do antigo*, isto é, o estudo do que é antigo.

Dar uma definição mais concreta não é problema fácil. Numa explicação simplista diremos que Arqueologia é a ciência, ou conjunto

de ciências, que estuda o passado naquilo que se relaciona com a espécie humana e todas as suas manifestações.

Duma vastidão e complexidade muito grandes, socorre-se a Arqueologia de outras ciências (como Geologia, Zoologia, Antropologia, História, Etnografia, Religião, Architectura, Numismática, Epigrafia, Linguística, etc.) tirando delas ensinamentos e as quais fornece elementos novos, ampliando ou completando os seus conhecimentos.

Não basta fazer cálculos mais ou menos aproximados sobre o que será o amanhã, onde chegará o homem no futuro. É necessário também saber de onde partiu, conhecer as suas origens, para se avaliar bem a grandeza da tarefa que empreendeu ao aparecer na Terra. Só assim, depois de conhecer bem o homem do passado e a sua lenta evolução através dos séculos, podemos ajuizar do enorme esforço que lhe foi exigido para chegar ao que hoje é.

A vida do homem primitivo, pela adversidade do meio, pela forçada competição com outros animais mais possantes e mais aptos para a luta diária pela existência, é uma epopeia de heroísmo em que a sua melhor arma foi, como ainda hoje é, a inteligência. Foi essa inteligência que, distinguindo-o logo de início dos outros animais, lhe assegurou um lugar preponderante sobre a Terra.

Apreciar a sua lenta evolução, contornando obstáculos enormes, vencendo dificuldades julgadas intransponíveis, aperfeiçoando a sua técnica de princípio tão rudimentar, moldando vagarosamente a sua mentalidade, dando livre expansão à sua natural sensibilidade artística, assumindo cada vez mais uma responsabilidade consciente, é justo motivo de espanto e apreço para nós, que somos os detentores dos frutos desse esforço milenário.

Se nos lembramos que o homem fez o seu aparecimento na Terra há cerca de meio milhão de anos, vemos como a sua ascensão tem sido lenta.

O homem primitivo que, dispondo de recursos quase nulos, conseguiu triunfar em condições muito difíceis de sobrevivência, e a ciência que o estuda seguindo a sua marcha através do tempo, merecem um pouco da nossa atenção e do nosso respeito.

No estudo de tudo que é antigo não interessa somente o exame dos objectos e monumentos que chegaram até nós. Interessam também todos os elementos que possamos obter sobre os diversos povos, sua origem, características físicas e morais, migrações, linguagem,

costumes, indústrias e comércio, manifestações de arte, instituições sociais e religiosas, etc..

Como se vê o panorama é vastíssimo e exige tal soma de conhecimentos que, não havendo quem consiga reuni-los todos, se toma necessária uma conjugação de esforços de vários indivíduos, todos tendendo para um mesmo fim. Só mercê da reunião destas capacidades individuais é possível assegurar um estudo de conjunto honesto e aceitável.

Às pessoas que perguntam que importa uma inscrição meio truncada, uma moeda em mau estado, um velho caco de barro ou um instrumento de metal corroído pelo tempo, damos a opinião de um português ilustre: «Que importa? Bárbaros! — respondeu A. Herculano — Importa a arte, as recordações, a memória dos nossos pais, a conservação das coisas cuja perda é irremediável, a glória nacional, o passado e o futuro, as obras mais espantosas do entendimento humano, a história, a religião».

Importa o conhecimento das muitas e variadas gentes que nos precederam no território que hoje é a nossa Pátria; importa saber das suas raças, de onde e porque vieram; importa ter uma ideia precisa da sua vida quotidiana, das suas dificuldades e dos seus anseios; importa ter noções firmes das suas artes, das suas indústrias e do seu comércio; importa conhecer o comportamento intelectual, moral e religioso da gente que por aqui passou; importa afinal saber tudo que diz respeito a quem existiu antes de nós, quem originou o estado presente, quem preparou a sociedade portuguesa actual!

Não podemos esquecer que os conhecimentos que hoje possuímos, e que constantemente estão sendo ampliados nos mais variados ramos da actividade humana, assentam em noções prévias, estas por sua vez consequência de outras anteriores, e, assim, até chegarmos às mais elementares noções duma actividade inteligente.

Quem, esquecendo o passado e os numerosos ensinamentos que ele nos dá, unicamente se preocupa com o estado presente e o futuro, parece ignorar de forma lamentável que não existiria presente sem ter havido passado. Além disso, passado, presente e futuro não possuem limites nítidos, antes são interdependentes e de tal forma que, para o conhecimento exacto do actual, é imprescindível saber factos e colher ensinamentos que se localizam em tempos anteriores, mais ou menos longínquos.

Hoje, na chamada Era Atômica, as velocidades vertiginosas, conseguidas pelos modernos meios de locomoção, e o grande dinamismo de que estamos possuídos, alteraram os tradicionais conceitos de tempo e de espaço, permitindo um permanente convívio entre povos dantes muito afastados e ignorados uns dos outros.

Quanto mais afastado de nós se considere um determinado período da vida da Humanidade, mais rudimentar seria a sua cultura e maiores dificuldades haveria para a sua expansão.

Sendo certo que nem todos os povos evoluíram com a mesma rapidez, podemos encontrar, numa determinada época, vários graus de civilização.

Ainda há actualmente, na África, Austrália e América do Sul, povos incultos que se assemelham, de certo modo, aos habitantes pré-históricos da Europa.

O facto de se encontrarem dois objectos idênticos ou afins, a alguns milhares de quilómetros um do outro, pode significar que pertenceram a povos com grau de cultura semelhante, mas não quer dizer que sejam sincrónicos, podendo estar afastados algumas centenas ou milhares de anos.

É por meio de estudos arqueológicos que, mercê de muita paciência e tenacidade, é possível ir a pouco e pouco, fazendo luz nesse passado obscuro ou desconhecido e, partindo das origens e passando pela pré-história, história antiga, medieval e moderna, chegar à actualidade.

A imensa e árdua tarefa que incumbe à Arqueologia é com frequência dificultada pela incompreensão e a quase hostilidade não só dos ignorantes como até das chamadas pessoas responsáveis.

Se desculpamos e lamentamos os primeiros que, como consequência da sua ignorância, procedem de maneira errada, já o mesmo se não pode dizer dos segundos. Estes, quase sempre com funções directivas na sociedade ou com influência na administração dos bens públicos, merecem a nossa inteira reprovação por não amparem e promoverem o aumento da cultura da Nação que neles confiou.

Muita gente esquece que a vida comporta matéria e espírito e que, para o avanço e enriquecimento do País, é necessário que o progresso material seja acompanhado pelo progresso intelectual pois qualquer deles isolado é insuficiente.

Algumas das pessoas responsáveis parece não apreenderem com clareza qual o fim que a Arqueologia se propõe nem a vasta soma

de conhecimentos que nos pode fornecer sob os mais variados aspectos.

Qualquer que seja a actividade a que um determinado individuo se dedique, a Arqueologia pode dar-lhe ensinamentos de interesse.

Esta afirmação poderá parecer ousada e, por isso mesmo, vamos dar alguns exemplos que demonstram ser verdadeira.

O advogado sabe bem que o Direito português se fundamenta no Direito romano e que este assenta por sua vez em muitos conceitos jurídicos dos sumérios, sírios e egípcios. As inscrições cuneiformes dos sumérios e os papiros egípcios (que remontam a alguns milénios antes de Cristo) tratam numerosos casos de Direito público e Direito privado.

O militar não terá interesse em conhecer a táctica usada, tanto na defesa como no ataque, pelos grandes generais como Alexandre Magno, Amílcar, Júlio César e tantos outros?

O médico sabe que, desde as mais remotas eras, se praticou a trepanação em casos de fractura, tumores e ainda com o fim de tratar doenças nervosas como a epilepsia. Sem nos preocuparmos com a eficácia destes tratamentos ressalta uma verdade incontestada: há uns milhares de anos praticava-se a trepanação usando como trépano utensílios de pedra. Verificava-se a cicatrização perfeita nestas operações realizadas da maneira mais rudimentar a num tempo em que a asséptica era desconhecida.

Num cráneo encontrado numa sepultura de tipo argárico, no Monte do Ulmo, tivemos ocasião de observar uma trepanação perfeitamente cicatrizada e realizada (há cerca de 3.500 anos) já com instrumentos de bronze.

O agricultor não encontraria interesse ao folhear os tratados de agricultura dos sábios romanos Varrão, Catão, Columela e tantos outros? Nestes tratados, em que a agricultura e a pecuária são tratadas com minúcia, sobressaem ensinamentos que ainda hoje estão actualizados na lavoura progressiva, tais como os conselhos sobre a maneira de fazer calagens, siderações e a rotação das culturas.

O pintor sabe como o homem pré-histórico criou verdadeiras obras primas, de que são exemplo as pinturas rupestres encontradas em Espanha, França, África do Sul, etc.. Quem observar as cenas de caça e os bisontes da gruta de Altamira, para só citar esta, notará

a par de uma estilização digna de reparo, um seguro conhecimento de anatomia, uma firmeza de traço, uma perfeição de formas e uma gama de tons, que tomam este pintor de há milénios, um artista no mais alto sentido do termo.

Qual o arquitecto ou construtor que não olhará com interesse para os métodos empregados pelos povos da antiguidade na construção dos seus monumentos?

Bastará citar as pirâmides do Egipto, o Parthenon de Atenas ou o Coliseu de Roma para se compreender que já nesses longínquos tempos os conhecimentos de arquitectura eram muito apreciáveis.

Qual o escritor que não tem alguma coisa que aprender com Platão, Cícero, Virgílio, etc.?

Não nos alongaremos em mais exemplos tendentes a demonstrar que pessoas de todas as profissões se podem naturalmente interessar pela Arqueologia. Isso afigura-se-nos de tal forma evidente que não oferece discussão.

Sendo assim, não merecerá esta ciência um pouco mais de interesse e respeito? Não merecem os arqueólogos e amadores de Arqueologia um pouco mais de consideração?

O arqueólogo é um estudioso que durante todo o tempo se dedica, de alma e coração, a aumentar os conhecimentos da Arqueologia. O amator de Arqueologia, com menos bases, supre a sua falta de instrução com um interesse devotado e uma persistência dignos de elogios.

Se o primeiro é o mestre, o segundo será um aluno aplicado.

Além das dificuldades várias que se lhes deparam têm ainda muitas vezes que vencer a incompreensão dos que os rodeiam. Estes estudiosos do antigo nada pretendem de benefício para si próprios. Querem unicamente que não se lhes entrave o estudo, que não se lhes proíba o acesso aos achados que constantemente se fazem, que não se lhes escondam esses achados, querem e pedem que lhes sejam dadas algumas facilidades. Será pedir muito?

Já vai felizmente ficando para trás a época em que se encarava o arqueólogo como um indesejável intruso que invadia a propriedade particular sem autorização, que embargava ou estorvava os trabalhos usando de manifesta prepotência, que expropriava objectos, etc..

Hoje já se vê no arqueólogo aquilo que realmente é: um indivíduo que gosta de estudar, que publica as suas conclusões pondo-as ao dis-

pôr de todo o mundo, que aconselha e promove o envio das coisas com interesse para os museus, onde ficam integradas no património cultural da Nação.

Dissemos, de modo rápido, o que é e para que serve e Arqueologia, e o que pretendem os arqueólogos.

Oxalá conseguíssemos dissipar dúvidas que porventura ainda existissem e obter assim uma mais ampla e eficaz compreensão e consequente colaboração.

A ideia de destruir aquilo que não se compreende, de inutilizar os objectos cujo mérito ou destino se não conhece, está quase extinta, e ainda bem, porque é mais própria de selvagens que de membros duma sociedade que se diz culta e civilizada.

A curiosidade, considerada como desejo de saber, é natural no homem e sem ela não haveria progresso. Contudo, como quase todas as coisas, também pode ser desvirtuada e a sua má interpretação tem originado muitas destruições.

O ignorante que, movido por uma curiosidade mórbida, quebra um vaso de barro ou um pedaço de metal que encontrou, unicamente para avaliar a sua dureza, é um indivíduo nocivo que causa perdas irreparáveis. Se a esta curiosidade mal orientada, juntarmos a sistemática procura de tesouros, que a fértil imaginação popular localiza onde quer que apareçam antiguidades, feita sem qualquer ordem ou mérito, tudo destruindo na sua passagem, sómente com a mira posta nas *libras*, e a vingança final, em virtude do engano, que leva à pulverização de tudo, compreendemos como é difícil salvar alguma coisa.

Essa tendência para a destruição só pode ser combatida por meio de educação e do esclarecimento que inevitavelmente acarretam uma maior responsabilidade.

Aumentando a responsabilidade dos indivíduos é mais fácil aplicar sanções quando procedam de modo a lesar aquilo que se considera de interesse para a comunidade.

Se por um lado se applicassem castigos aos depredadores da cultura, e por outro se atribuissem recompensas a quem, por qualquer forma, impedisse essa maléfica acção, muito lucraria o País.

Isto que dissémos não é invenção nossa e já se verifica em muitos países onde estes aspectos da cultura merecem um pouco mais de atenção por parte dos dirigentes.

Será demasiado pedir aos portugueses que contribuam com uma quota ínfima para aquilo que é afinal património de todos nós?

Será demasiado pedir que impeçam a destruição de coisas insubstituíveis e que auxiliem, na medida do possível, a pesquisa, o estudo e a integração nos Museus de tantos documentos que atestam o passado deste nosso querido Portugal?

Supomos que não! Esperamos e confiamos!»

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Fundada em Coimbra, em Maio de 1957, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos tem cumprido com regularidade os seus objectivos, realizando mensalmente, durante o ano lectivo, reuniões para apresentação de trabalhos científicos, ou para discussão de problemas de ensino, conferências para actualização de conhecimentos e excursões a lugares de interesse para a arqueologia clássica. Assim se tem executado o desiderato expresso nos seus estatutos, de «agrupar todas as pessoas que se interessem pelos Estudos Clássicos, professores dos diferentes graus de ensino, estudantes das Universidades ou dos Seminários, representantes das diversas especialidades compreendidas na Antiguidade Clássica: filologia, literatura, arqueologia, filosofia, história, epigrafia, paleografia, numismática». Eis por que uma breve referência a algumas das suas actividades tem cabimento nas páginas desta revista.

Com efeito, logo no primeiro ano da sua existência, ou seja, em 1957-1958, se realizaram duas manifestações culturais de interesse para os arqueólogos. A primeira, a 25 de Abril, constou de uma sessão de projecção de filmes de arte e arqueologia clássica em Itália. Eram nada menos de oito documentários — sobre os monumentos da Magna Grécia e da Sicília helénica, os festivais da primavera em Pesto, Pompeia, Roma e moedas romanas — que foram comentados pelo Dr. Giacinto Manuppella, que fez uma sucinta exposição sobre a colonização grega da Itália meridional

O ano de actividades terminou com uma excursão de estudo a Conimbriga e ao Acampamento Romano de Antanho. Foi seu guia o Dr. Bairrão Oleiro, que forneceu informações sobre os problemas